

Fios do Existir:

Imagens de Penélope e Ariadne na poesia de Myriam Fraga

Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva¹

Resumo:

Tomando as imagens míticas de Penélope e Ariadne, a poesia de Myriam Fraga tece um contra discurso frente ao discurso hegemônico, estabelecendo e abrindo novas possibilidades para a leitura de dois mitos femininos gregos. Um trabalho em comum as liga nas tramas do existir. Estas duas personagens míticas, em Myriam Fraga, herdaram das Moiras a capacidade de decisão. Penélope, mesmo presa à esfera doméstica, esperando ao longo dos anos a volta de Ulisses, faz sua viagem ao interior a partir do tecido que constitui sua vida, reelaborando sua identidade na errância de navegar nas suas águas intrauterinas. Já Ariadne, motivada por uma paixão violenta, é mobilizada a agir, infringindo determinadas normas para salvar a Teseu. Ariadne é uma mulher apaixonada, cujo segredo se encerra em uma sabedoria desconhecida. O fio do destino as une por um sentido que não está posto a priori. Elas constroem, cada qual, seu destino.

Palavras-chave: Mito, Poesia, Discurso, Relações de gênero.

Introdução

Myriam Fraga, autora baiana com mais de dez livros de poesia publicados, membro da Academia de Letras da Bahia desde 1985, dirige a Fundação Casa de Jorge Amado desde que foi instituída em 1986. Desde *Marinhas* (1969), seu livro de estréia, a autora vem produzindo, não só uma poesia de reconhecido valor nacional e uma prosa que não fica aquém da sua produção poética, além de estar empenhada em projetos culturais. Recentemente, por ocasião do lançamento de sua *Poesia Reunida*, editada pela Academia de Letras da Bahia e pela Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, ocorreu na cidade de Salvador um evento intitulado *Poesia e Memória: Seminário Myriam Fraga* que reuniu especialistas da Bahia e de outros estados, promovendo assim uma reflexão acerca da obra e da atuação dessa escritora tão importante para o panorama cultural do estado. Segundo a organizadora do evento, a professora e acadêmica Evelina Hoisel, conforme declara para o jornal *A Tarde*, foi “(...) um ótimo momento para uma reflexão teórica-crítica sobre o lugar dessa poesia na literatura brasileira contemporânea”.²

Sua poesia, considerada densa e rica em símbolos, pode ser dividida, conforme declara a própria poeta, em quatro eixos temáticos: a **cidade**, “não só como espaço geográfico, mas como representação arquetípica do cosmo”³; o **mar** e “seu cortejo de imagens associadas a amplos espaços vazios, à liberdade de partir, ao perigo, ao desastre”⁴; o **mito**, como “síntese e como tentativa de explicação, mas também como alegoria da vida humana”⁵ e a **memória**, sua “reconstrução do passado através da fixação de determinados instantes recortados do cotidiano e conservados através da palavra”⁶.

¹ **Ricardo NONATO ALMEIDA DE ABREU SILVA**, Mestrando em Letras do programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Bolsista da Fapesb - Bahia
e-mail: ricnonato2000@yahoo.com.br

² Jornal *A Tarde*, caderno 2 04/06/08.

³ FRAGA, Myriam, 2001, VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura, Salvador – Ba.

⁴ *Idem*.

⁵ *Idem*.

⁶ *Idem*.

1 O mito na lírica de Myriam Fraga

Dos quatro eixos temáticos elencados, o do mito está vinculado à memória sendo, também, atravessado pelos outros eixos temáticos e é, sem dúvida, um dos mais presentes em sua obra poética. O mito nasce, poeticamente, de um desejo insustentável de se fazer ouvir uma voz que não é individual, mas que é coletiva. Segundo Mário da Silva Brito, em seu prefácio para *Purificações ou o Sinal de Talião* (1981), a poeta baiana, “com a mesma furiosa determinação dos suicidas, atira-se no vasto oceano do Mito, a avança, em mergulho profundo, pelo bátrio abissal colecionando mitos – essas sombras que parecem habitantes da caverna platônica, matriz do conhecimento e da sabedoria”. O mito, na obra de Myriam Fraga, vem promover a compreensão existencial do humano, esse conhecimento que a razão humana não consegue compreender. Sobre essa importância dos mitos na contemporaneidade, Mircea Eliade, diz: “(...) compreender a estrutura e função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas, também, compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos” (ELIADE, 1978, p. 8). A proposta da autora baiana é a da ressignificação dos mitos, abrindo novas possibilidades de leitura a partir das tensões humanas que o mito já traz.

A poeta nos diz da importância em se retornar aos mitos. Fala dos mitos como sendo uma memória ancestral, reconhecida nos indivíduos em suas vivências, sendo o retorno a elas uma forma de se descobrir um conhecimento de si que, na verdade, extrapola o indivíduo. Para a poeta, recordar é uma necessidade feita ofício no dizer poético:

Recordar para conhecer e ao mesmo tempo salvar-se. (...) Ao desvendar sua própria saga o Poeta sente que entre os dedos a tessitura se esgarça e através do véu que recobre sua origem ele enxerga, vidente cego, uma realidade maior que o identifica e confunde com o primeiro sopro de vida, o separar das águas”. (FRAGA, 1981, p. 13-14)

A presença de personagens míticas femininas atravessa boa parte da produção poética de Myriam Fraga. Mas não se trata de uma mera recuperação por meio de uma memória inventada. As imagens de mulher, representadas pelos mitos, em seu tecido poético, passam a ser deslocadas de seus lugares primeiros e resignificadas. Em ensaio, Ligia Vassalo (2005) indica na poesia da autora baiana alguns pontos importantes a serem observados no que tange as questões de gênero, estabelecendo, inclusive, em que âmbito as personagens míticas femininas estão inscritas na poesia da autora baiana:

Compreendemos que a leitura das figuras da mitologia clássica greco-romana adotada na poesia de Myriam Fraga revela contrastes na visão de Feminino e Masculino. Ao âmbito do primeiro correspondem as mantenedoras da vida e das convenções, instaladas no espaço fechado do labirinto, onde permanecem – ou jazem – expectantes e passivas dedicadas ao seu mundo interior. No universo masculino nos deparamos com o espaço aberto do mundo externo, a ultrapassagem de limites (...).

Ao deslocar os sentidos cristalizados dos mitos a poeta atualiza-os, não só dentro da ordem social discriminatória, mas, também, e, sobretudo, no interior de uma ordem simbólica, onde a própria linguagem é um instrumento de opressão. Segundo Cláudio Veiga (1987), a poeta baiana não nos oferece “à maneira parnasiana, uma simples visão plástica e colorida das figuras mitológicas. (...) Sua poesia manifesta, acima de tudo, a existência de um mundo mais íntimo e visceral, e de contorno fugidio” (p. 297). A mulher em sua poesia, através de um eu – lírico atuante, conforme afirma Brito (1979) no prefácio de *O risco na pele*, “vem marcada por esse conflito entre o individual e o coletivo. Entre o que [ela] é como ser, e o que dela foi feito, por imposições do condicionamento social, e, mais ainda, em relação ao universo tal como se apresenta, imperfeito e injusto” (s.p.).

Entre as várias personagens femininas presentes na poética da autora baiana, uma ocupa posição de destaque: Penélope, aquela que por fidelidade a Ulisses esperou seu retorno durante vinte anos. Mas, liga-se a ela outra personagem, não pela espera, mas pela estratégia utilizada para salvar a Teseu. Se Penélope tece e destece um sudário para ganhar tempo perante os pretendentes que a desejam como esposa, Ariadne utiliza o fio para salvar a Teseu, libertando-o do labirinto. Ambas estão, assim, ligadas por algo que lhes é comum, o fio.

2 Penélope e Ariadne na mitologia

Penélope, símbolo da fidelidade feminina, é reconhecida dentro de uma linhagem de representações de mulher: Penélope é aquela que tece enquanto espera. Essa é a imagem que se tem dessa personagem na Odisséia. Conforme Junito de Souza Brandão (1991, p. 258) em seu *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*, Penélope é retratada na Odisséia como símbolo perfeito da fidelidade conjugal. Lealdade absoluta ao herói, ausente durante vinte anos. “Dentre quantas tiveram amantes enquanto seus maridos estavam empenhados na Guerra de Tróia, foi das únicas que não sucumbiu “aos demônios da ausência” unindo-se a amantes”. Segundo Brandão, a partir de Homero, a fidelidade de Penélope se converteu num símbolo universal, perpetuado pelo mito e, sobretudo, pela literatura. Nas *Cartas de amor as Heróides* (2003) de Ovídio, a primeira carta é dedicada à fidelidade da rainha de Ítaca, na qual Penélope pede pelo retorno do seu amado. Esta carta é desenvolvida a partir de quatro versos da Odisséia (XXII, 302-305) nos quais Homero evoca o relato que Penélope faz a Ulisses dos tormentos que sofreu durante a ausência dele. Trata-se, portanto, da ampliação lírica de um tema que é apenas esboçado na epopéia, conforme observa Jean-Pierre Néraudau na nota que abre a carta da rainha de Itaca à Ulisses.

A fidelidade de Penélope é, sem dúvida, o traço de seu caráter mais evidenciado e repetido na literatura ocidental no que se refere a modelos de representação da mulher. Sucede-se a ela Maria, símbolo da pureza, também da fidelidade conjugal, modelo estabelecido como parâmetro para se falar do que é ser uma “boa mulher”, aquela devotada ao marido e aos filhos, zelosa do lar, mantenedora dos bons costumes.

Mas, além de Penélope, outra personagem da mitologia grega fia sua vida e ao fiar, tece seu destino. Ariadne, filha do rei Minos de Creta, faz parte de uma cadeia de mitos que tem na imagem do labirinto seu ponto de convergência. “Quando a literatura evoca o labirinto, o mais sensível desses desafios reside possivelmente na prova imposta a Teseu de uma escolha entre diversos caminhos para chegar ao Minotauro, e depois para sair do labirinto” (CHEVALIER, 1990, p. 556).

Como Penélope, Ariadne encontra-se dentro de uma estrutura social com lugares bem demarcados onde a mulher está atrelada ao código do homem. A origem do nome de Ariadne que em grego e significa a “Muito Sagrada”, remonta a uma deusa cretense cujo culto se encontra em Cnossos, Delos, Argos. É ela a “Deusa da Lua”, a “Muito Grande”, a “Muito Presente”, aquela para quem, segundo Liborel, “eram executadas danças iniciáticas e rituais” (LIBOREL, 1997 p. 380). Dela sabe-se, apenas, que era filha de Minos e Pasifae e que instrumentalizou Teseu para que este conseguisse sair do labirinto, sendo abandonada depois por ele na ilha de Naxos. Teseu, que chegara a Creta, juntamente com outros jovens, é o herói grego cujo destino era o de acabar com a onda de sacrifícios anuais impostos a seu povo. O destino de Teseu era matar o monstro do labirinto. No momento em que Teseu chega a Creta para enfrentar o Minotauro, juntamente com outros jovens entregues como tributo pelos atenienses, Ariadne se apaixona violentamente por ele. Para que ele encontre a saída do labirinto ela lhe entrega um novelo de fios fornecido por Dédalo, e foge com ele para evitar a cólera de Minos (PEYRONIE, 1997, p.82). Teseu abandona Ariadne durante uma escala em Naxos, mas na maioria das versões sua história não termina ali. Assim que a embarcação de Teseu se afasta, Dioniso aparece no seu carro real puxado por panteras. Encantado com a jovem, Dioniso convence-a a se casar com ele; leva-a para o Olimpo e lhe oferece uma coroa de ouro. Essa coroa se tornará depois a constelação de Ariadne.

Antes de ser tomada de paixão por Teseu, Ariadne não passava de uma simples princesa, filha do rei Minos. Sua paixão movimenta toda uma rede de aventuras, dando continuidade e pondo fim à problemática do filho monstro gerado por Pasifae e o Touro Branco enviado por Poseidon.

3 Penélope na poesia de Myriam Fraga: viajante de si mesma

Penélope é repretadas na obra de Myriam Fraga nos poemas “Os argonautas” e “Penélope” em *Purificações ou o Sinal de Talião* (1981), seguido do livro *Deuses Lares* (1991).

Os argonautas são, na mitologia grega, tripulantes da nau *Argo*, liderada por Jasão que, segundo a lenda grega, foi até *Cólquida*, atual Geórgia, em busca do Velocino de Ouro. Esse tesouro “concentra dois símbolos, o da inocência, figurado pelo velo do carneiro, também chamado de toso, e o da glória, representado pelo ouro” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 935). O velo de ouro assemelha-se a uma série de mitos da “busca” de um tesouro material ou espiritual. Jasão procura a glória que vem da conquista da verdade (ouro) e da pureza (velo).

Na poesia de Myriam Fraga, a história dos argonautas mescla-se à de Ulisses, sua partida para Tróia e seu posterior retorno a Ítaca. Segundo Zila Bernd (2002), Ulisses simboliza o desejo da volta ao país natal. Jasão, por sua vez, corresponderia ao desejo de errância. Os argonautas partiam pelo gosto da aventura, diferentemente de Ulisses que, precisava honrar um código social. “O objeto da busca de Ulisses, em sua viagem de volta, era Ítaca, território bem definido e delimitado” (BERND, 2002, p.37). O objetivo de Ulisses é retornar e tomar posse do que lhe pertence.

Penélope é aquela que espera. Ulisses, por sua vez, é aquele que parte. Ao homem, o público, à mulher, o privado. Fica assim, estabelecido no poema “Os argonautas” (1981) e em *Deuses Lares* (1991), a distinção entre os que partem e os que tecem, demarcando os espaços. Segundo Rocha-Coutinho (1994), tais espaços demarcados no nível concreto são, sobretudo, marcos de referência na representação do feminino e do masculino na Modernidade:

O espaço privado tornou-se, na verdade, o lugar onde, através do matrimônio e da família, são geradas as condições para as formas desiguais de apropriação do capital cultural, de acesso aos meios de qualificação profissional e aos centros de poder e controle social, entre outras coisas (p.43).

Pensar uma dialética do público e do privado na poesia fragueana é transitar por estes dois pólos, na relação binária que a autora corrói pelo inconformismo da não se querer ocupar determinados lugares que são impostos a mulher dentro de uma estrutura social. Em depoimento para *VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura*, ocorrido na cidade de Salvador em 2001, Myriam Fraga delinea Ulisses e Penélope em sua poesia como uma “ambivalência dos contrários”. Segundo a autora, “entre Ulisses, o macho, o que tudo pode, o que depende de suas próprias forças, o que desenha o itinerário, o que abandona e é abandonado, o que sacrifica o amor à família à realização da aventura, (...) existe Penélope, a que espera e tece, a que conhece limites do círculo em que se fecha, a que sacrifica aos deuses lares e faz da lareira a porta de acesso a seus infernos subterrâneos, à encoberta visão de mundo que se elabora, a partir de suas próprias entranhas (...)”.

No poema “Os Argonautas”, Ulisses parte para uma viagem heróica enquanto Penélope fica. Como Ulisses, os argonautas partem para cumprir o destino. Eles estão presos ao que as Moiras teceram. Algo que já está pronto, determinado, cuja interferência dos deuses ou humana só pode, no máximo, adiar o inevitável. Partir é o destino inexorável de Ulisses:

É difícil partir.

Os argonautas

São filhos do destino

(FRAGA, Myriam, 1981, p.35)

Mas, se Penélope é a que fica, é dividida entre dois oceanos: o da “Descrença”, mar externo, profano, e o “Desespero”, mar interno de águas tumultuadas no qual ela navega. Na espera, no tecido de sua existência, ela realiza sua viagem. Partir para uma aventura que não é heróica como a de Ulisses torna-se doloroso, pois Penélope irá lidar com seu interior, essa *dimensão íntima* de que fala Bachelard. “Uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão” (BACHELARD, 1974, p. 475). A viagem de Penélope por seus mares abissais realiza-se solitariamente no quarto fechado, diante do tear onde ela repensa toda a sua vida enquanto tece e destece.

No entanto esta tarde é
Como um barco
Onde me ausento
De mim, de meus cansados
Molhes de pedra.

A angustia é meu timão,
Meu astrolábio
Nesta inquieta jornada.
(FRAGA, 1981, p.35-36)

Em *Deuses Lares*, livro publicado em 1991 e enriquecido pelas belas monotipias do gravurista Calasans Neto, Myriam Fraga retoma Penélope, agora dedicando a ela um livro inteiro. Neste livro, composto por 15 cantos, Penélope aguarda o retorno de Ulisses que partira para guerrear em Tróia. Com a palavra “Adeus”, que inicia o “Canto 1” de *Deuses Lares* (1991), simbolicamente, Penélope sela sua partida pelos mares abissais da sua existência. Essa “viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais do que de um deslocamento físico” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 952). Uma viagem errante, onde o partir e o voltar não possuem referentes, viagem sem roteiro. É o vagar no imprevisto de “si” mesma ao “remoto horizonte”, descendo ao mais profundo do ser, ao Tártaro e suas águas de “mil olhos”, seus demônios, e “Cérberos brabantes”. Na mitologia grega Cérbero é o cão de Hades, ser monstruoso com múltiplas cabeças, cauda de dragão e o dorso eriçado com cabeças de serpente. Ele é o guarda dos infernos que proíbe os vivos de entrarem e os mortos de saírem. Essa imagem horrenda é metáfora usada no tecido poético de Myriam para falar daquilo que é encontrado no subsolo do ser, nas zonas mais secretas da psique humana. Ao descer ao limite de “si” mesma, ao Tártaro, parte mais profunda do inferno, Penélope realiza sua “viagem ao não sei onde”, onde ela própria é navegante e local de navegação:

Adeus.

Adeus nesta viagem
– velas, mastros, velas...

Quilhas como bicos,
azul e prata
espuma
no remoto horizonte.

Avesso da noite
– o não sonhar,
périplo absoluto
ao fim do sono.

Descer ao mais profundo;
ares úmidos do Tártaro,
suas fontes.
Águas de olhos mil
e cérberos
brabantes.

Viagem ao não sei onde.

O não sei onde – vago,
vergas, vagas –
enquanto o outro lado,
o sem fim do roteiro
te embruxeda.

Espera e devaneio.
(FRAGA, 1991, s.p.)

4 Seria Penélope mais astuta que Ulisses?

Ulisses é reconhecido na *Odisséia* como grande estrategista. Vale lembrar que na *Iliáda* é ele quem sugere, depois dos gregos serem arrasados em batalha, uma forma de vencer a guerra. Gabriel Audisio (1946), em seu ensaio “Ulisses ou a inteligência” mostra como Ulisses é o único dos heróis homéricos a receber qualificativos que definem uma inteligência elevada. Só a ele são atribuídos adjetivos que o diferenciam de outros heróis homéricos. Tomemos os três mais importantes, conforme Kohler (1997): *polymétis*, *polytropos* e *polyméchanos*:

A *métis* que sob a forma divina, é mãe de Atena que tem por pai Zeus, é a faculdade de apreender rapidamente uma situação e adaptar-se a ela (p.899). Essa qualidade caracteriza tanto a invenção do artesão quanto a capacidade de desviar-se do perigo. Os *tropoi* e os *mechanai* são “engenhos”, no sentido antigo da palavra, equivalente a sagacidade, artifício, esperteza, astúcia, que a *métis* de Ulisses, pronta para captar o real, utilizará para vencer a dificuldade, seja desvendando-a, seja contornando-a. Como desvio, a *métis* é recuo, tempo de reflexão” (p. 899).

A “astúcia” de Ulisses fruto de uma inteligência agenciada pela *métis* permite o engenho, a capacidade de inventar estratagemas para superação das dificuldades. Mas, o verdadeiro poder de Ulisses consiste em saber manipular os discursos. Ulisses tem consciência do poder das palavras que, através do discurso, engendra mecanismos de poder, na medida em que nele se articula

significações forjadas, operando assim, formas de domínio eficazes. “Ulisses é sempre apresentado como o campeão vitorioso do partido da inteligência” (KOHLE, 1997, p. 899).

Se Ulisses é o “astuto”, o “guerreiro solerte”, o “nobre” o “engenhoso”, é preciso lembrar, também, que Penélope é sempre precedida por adjetivos, só que outros, a exemplo de, “sensata”, “prudente”, “ajuizada”, qualificativos de uma “boa mulher”, de seu caráter elevado.

Ao opor “tecer” e “partir”, Myriam Fraga posiciona tanto Ulisses como Penélope em sua trama poética. Ao colocar em dúvida a grandeza da “astúcia” de Ulisses, frente a seu ato, Penélope põe em questão não só um atributo do herói, mas toda a relação dicotômica estabelecida entre homens e mulheres. A partir dessa “astúcia” questiona-se toda a primazia da razão (ligada a *métis*), sempre voltada para o homem, convencionalmente muito mais ligado a política, a arte, as letras, e voltado, sobretudo, para o espaço público. No poema “Os argonautas”, a ironia interrogativa de Penélope frente a Ulisses, corrói pela dúvida o seu lugar de herói e seus feitos, em contraposição ao ato solitário engendrado nas sombras pela trama do bordado:

Há os que partem
E os que tecem,
Na urdidura das sombras
É Penélope
Mais astuta que Ulisses?
(FRAGA, Myriam, 1981, p.36)

Ulisses, no texto da poeta baiana, continua sendo o “astuto”. Mas a imagem do herói grego que sabia superar situações difíceis pelo manejo dos discursos, é posta em xeque pelo questionamento do atributo que o qualifica. “É Penélope / Mais astuta que Ulisses?”, desestabilizando o herói grego dentro de seu próprio lugar.

5 Ariadne e o fio da vida

Ariadne está presente na poesia de Myriam Fraga em um único longo poema, intitulado “Labirinto”, publicado em *O risco na pele* (1979). Como Penélope, ela realiza, também, uma viagem. Seguindo pelo labirinto tortuoso da sua existência, diferentemente de Teseu que segue pelo labirinto físico, Ariadne navega no imprevisto de “si”, onde ela deixará de ser como é e, de maneira decidida, seguirá seu caminho:

Onde navego é silêncio.
Sangue na veia,
Oceano,
O espírito dos mortos
Construindo trincheiras.

(...)

Pérgamo é onde viajo,
Água lustral. No teto
Dois demônios pintados.
(...)

Não serei como sou.

Me exorcizas. Sigo.

(FRAGA, 1979, p.99)

Ariadne detém o poder de manipular o fio que salva Teseu no labirinto e lhe mostra a saída. De certa forma, ela é co-responsável pela morte de seu meio irmão, o monstro do labirinto, o Minotauro. Esse é o destino de Ariadne que tem consciência plena de seu ato que em tom firme, afirma:

Não abdicó ao que vim.

Será suplício

Este severo pisar,

Este inventado rastro

Sobre o abismo?

Sei da fera escondida

Sei de ossos

Que adornam o precipício.

Meu caminho é

Buscar

É meu destino

De perdido animal.

Caminho sobre mim

Meu desespero

De ser vítima e algoz.

(FRAGA, 1979, p. 100)

Seu destino escapa ao poder dos deuses, pois ela advoga para si o poder sobre seus atos, fazendo o seu destino a parti das suas decisões, escolhas tecidas pelos seus próprios fios, tapete por onde passa. Seu destino é reconhecido e questionado pelo próprio ato de fiar. Ela torna-se tecido vivo. A noção temporal que marca o tempo de vida e de morte alterna-se num movimento de reversão, de onde emerge o questionamento que balizará a consciência crítica da validade do amor e, de certa forma, do futuro abandono:

Eu, Ariadne,

Caminho no que teço,

No que vomito

Da náusea de fiar

Os novelos exatos.

Caminho sobre a marca

Dos pés.
(todo fim é princípio)

Refaço o mesmo traço
Mesmo sujo grafito.

O tempo é circular
Como os relógios.
Pode o amor resistir
Nesta espiral de vidro?
(FRAGA, 1979, p. 99-100)

Conclusão

Na poesia de Myriam Fraga, observa-se o movimento de ressignificação dos mitos que, sem perder seus elementos constitutivos, são relidos de tal modo que seus sentidos são ampliados no contexto da contemporaneidade. Deve-se a isso, o fato de estar presente nessas histórias as tensões humanas, nas mais diversas esferas. As relações entre homens e mulheres, estabelecidas de forma dicotômica e hierarquizada, como é percebido em vários mitos, são deslocadas na poesia de Myriam Fraga. As personagens de Penélope e Ariadne ganham uma voz reivindicadora e constantemente questionadora do seu lugar e da sua condição de opressão. A poeta baiana, sem afrontar diretamente o discurso hegemônico cria uma espécie de contradiscurso, através do mito, dentro do mito, que corrói por dentro todo um sistema excludente e preconceituoso. Sua Penélope, portanto, mesmo sendo aquela que espera, não está na condição passiva da mulher pensada aos moldes do amor romântico do século XIX, que estabelecia para a mulher um lugar de fidelidade. Penélope em sua espera fará uma viagem ao interior de si mesma em busca das respostas, num exercício que tem no ato de tecer e destecer a metáfora para sua construção enquanto sujeito. Ariadne, assemelhando-se a Penélope, mas em um tom de maior decisão, tem a consciência de que seu destino é tecido a partir de suas escolhas. Esse processo de ressignificação do mito na poesia de Myriam Fraga amplia uma rede de possibilidades de sentido do drama da existência humana.

Referências Bibliográficas

- [1] BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- [2] BERND, Zilá. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (Org.) *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/ FALE, 2002.
- [3] BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991. v. II J-Z.
- [4] CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva [et alii.] 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.
- [5] ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Perspectiva: São Paulo, 1978.
- [6] FRAGA, Myriam. *As Purificações ou o Sinal do Talião*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- [7] _____. *Os Deuses Lares*. Salvador: Macunaíma, 1991.

- [8] _____. *O risco na pele*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- [9] _____. Depoimento no VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura. In: *Anais do VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Salvador: EDUFBA/ ANPOLL, 2001.
- [10] KOHLER, Denis. “Ulisses”. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussenkind [et al]. 2 ed Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- [11] LIBOREL, Hughes. “Ariadne”. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussenkind [et al]. 2 ed Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- [12] OVÍDIO. *Cartas de amor as Heróides*. Tradução de Dunia Marinho Silva, prefácio e notas de Jean-Pierre Néraudau. São Paulo: Landy, 2003.
- [13] PEYRONIE, André. “Ulisses”. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussenkind [et al]. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- [14] _____. “Labirinto”. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussenkind [et al]. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- [15] ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.
- [16] VASSALO, Ligia. A mitologia segundo Myriam Fraga. *Anais do VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Salvador: EDUFBA/ ANPOLL, 2001.
- [17] VEIGA, Cláudio. Discurso de recepção a acadêmica Myriam Fraga. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, n 34, janeiro de 1987.